

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ANTONIO RAFAEL SILVA OLIVEIRA

RAP: ALTERNATIVA DE RESISTÊNCIA AS ESTIGMATIZAÇÕES SOCIAIS

**Acarape - Ceará
2017**

ANTONIO RAFAEL SILVA OLIVEIRA

RAP: ALTERNATIVA DE RESISTÊNCIA AS ESTIGMATIZAÇÕES SOCIAIS

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. James Moura

**Acarape - Ceará
2017**

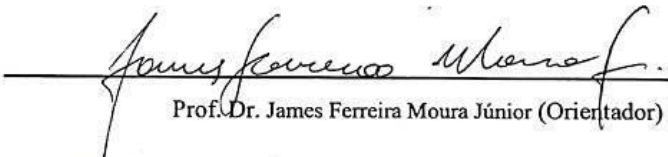
ANTONIO RAFAEL SILVA OLIVEIRA

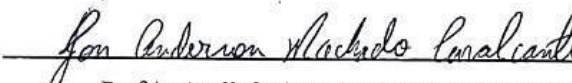
RAP: ALTERNATIVA DE RESISTÊNCIA AS ESTIGMATIZAÇÕES SOCIAIS


Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Acarape, 19 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior (Orientador) - IHL


Prof./a. Avaliador/a 1 - Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante - IHL


Prof./a Avaliador/a 2 - Dr. Leandro de Proença Lopes - IHL

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 05 |
| 2. JUSTIFICATIVA..... | 07 |
| 3. OBJETIVOS..... | 10 |
| 3.1. OBJETIVO GERAL..... | 10 |
| 3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 10 |
| 4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 11 |
| 4.1. HISTÓRIA DO RAP..... | 11 |
| 4.1.1. SURGIMENTO DO RAP EUA..... | 11 |
| 4.1.2. RAP NO BRASIL..... | 13 |
| 4.1.3. RAP EM FORTALEZA..... | 14 |
| 4.2. POBREZA E SEUS PROCESSOS DE ESTIGMATIZAÇÃO..... | 16 |
| 4.3. CONSCIÊNCIA DE CLASSE A PARTIR DO RAP..... | 18 |
| 4.3.1. O RAP COMO AGENTE ESTIMULADOR..... | 18 |
| 4.3.2. O RAP ESTIMULANDO A CONSCIÊNCIA DE CLASSE..... | 20 |
| 4.4. O CAMPO ARTÍSTICO E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL..... | 21 |
| 4.4.1. A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL..... | 21 |
| 4.4.2. A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS..... | 23 |
| 5. MÉTODOS..... | 25 |
| 5.1. TIPO DE MÉTODO..... | 25 |
| 5.2. TÉCNICAS UTILIZADAS..... | 26 |
| 5.3. LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA..... | 27 |
| 5.4. DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES..... | 28 |
| 5.5. PROCEDIMENTOS UTILIZADOS..... | 28 |
| 5.6. ANÁLISES REALIZADAS..... | 28 |
| 5.7. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS..... | 29 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 30 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 31 |

1. INTRODUÇÃO

A música em nossa sociedade se apresenta segundo Maheirie (2003, p.148) como “[...]uma forma de comunicação, de linguagem, pois por meio do significado que ela carrega e da relação com o contexto social no qual está inserida, ela possibilita aos sujeitos a construção de múltiplos sentidos singulares e coletivos”.

A ideia de trabalhar com essa temática, surgiu a partir de um evento proporcionado pelo coletivo Entre Olhos, no espaço “praça do skate”, no município de Redenção- CE localizado a aproximadamente 63 km de Fortaleza- CE. Na ocasião foi realizado um cine debate, onde foi exibido o documentário com o título “Favela no Ar”, para pessoas do município e da comunidade acadêmica da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Logo após a exibição do filme, foram levantadas pelos organizadores do evento, algumas observações do filme relacionando ao contexto vivenciado pelos presentes, numa perspectiva crítica ao assunto apresentado no curta metragem.

Durante o evento, tivemos um momento de apresentações de artistas de rap da região, onde pessoas da comunidade acadêmica e da cidade usaram o espaço para deixar suas intervenções abordando, através das músicas, discussões acerca das opressões sofridas pelas populações pobres, o preconceito e a discriminação, estimulando-me o desejo de pesquisar a temática. As intervenções abordadas pelos sujeitos no evento relacionavam-se a discussão presente no documentário exibido trazendo, no entanto, o contexto da região.

Os/as rappers, através do documentário, trouxeram diversos questionamentos e problemáticas que vivenciam em seus contextos de pobreza e violência, abordando uma perspectiva crítica sobre o papel que representam nesses espaços. Diante dessa ideia percebemos que os/as rappers se apresentam questionando seu papel enquanto produtores de conhecimento crítico, e a sua situação enquanto pobres e violentados pelo Estado.

Um outro fator importante para a escolha da área de estudo, foi participar do projeto de pesquisa e extensão com o título: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) e Trabalho Infantil: uma proposta de intervenção comunitária interdisciplinar, ligada a Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências (reaPODERE), no qual fui bolsista. Os debates trazidos e discutidos nos encontros me fizeram desenvolver uma nova percepção sobre a situação de vulnerabilidade social vivenciadas por milhares de pessoas,

adotando um posicionamento crítico, motivando, dessa forma, a desenvolver um tema que interagisse com essas problemáticas sociais. O rap se enquadrando nessas ideias de enfrentamento e resistência, abordando temáticas sobre as populações discriminadas e apresentando-se como uma resistência para enfrentar essas violências, é um fator importante para compreensão das dinâmicas sociais.

É relevante entender que o movimento hip hop ganhou força no Brasil na década de 80, através dos movimentos negros que no fim da ditadura militar do Brasil tiveram uma abertura para discutir todas essas problemáticas que já estavam sendo abordadas no contexto social dos EUA, como a questão racial e problemas econômicos. Espalhando-se de forma rápida por este país e por outras regiões fora de suas fronteiras, assim o rap foi se difundindo por diversas regiões do mundo. Isso se deve muito as produtoras musicais, que tiveram importante papel neste processo de difusão.

Os debates trazidos pelos/as rappers em suas músicas, estimulando no seu público ouvinte, em geral jovens das periferias acarreta um posicionamento de inquietação quanto sua realidade social. Trazendo uma carga de conhecimentos populares e politizados que possibilitam aos ouvintes uma perspectiva crítica. Através da música, rappers provocam e instigam pessoas que vivem em ambientes de violência e abandono do Estado, a reivindicarem seus direitos.

Um outro ponto a se destacar, percorrido ao longo do projeto foi sobre a área da educação. Entendendo que a educação fornecida pelo Estado, para as classes baixas/populares, é uma educação que não cumpre efetivamente seu papel de educar as pessoas de forma igualitária, e que, não estimula os/as jovens de modo geral, a pensarem o meio social com criticidade e autonomia, ressalve algumas exceções. Nessa perspectiva o rap aqui é entendido como um modelo de educação que vem de encontro a questionar essa educação formal.

Essas ideias me motivaram a discutir e dar visibilidade a essas formas de educação informais, que perpassa os muros das escolas e universidades, e que transmitem um conjunto de valores para as populações inferiorizadas. Pessoas que se constituem a partir das camadas populares e assim transmitem esses conjuntos de conhecimentos e valores para pessoas que constituem as mesmas camadas sociais, dessa forma existe uma consciência de relação similar o que estimula e facilita a assimilação das ideias transmitidas.

2. JUSTIFICATIVA

Pensar a situação de criminalidade, miséria e estigmatização das populações pobres na sociedade e buscar formas de intervir, procurando alternativas que questionem essas situações postas, faz parte de meu desejo enquanto sujeito pesquisador e sonhar em transformar esses cenários sociais difíceis, é de extrema relevância para uma sociedade menos injusta. Partindo desse princípio percebemos que os/as rappers, que em sua maioria tem por objetivo trazer em suas músicas perspectivas críticas sobre seus contextos buscando mudar as situações impostas, trabalhando para despertar essa consciência nas populações violentadas.

Partindo da premissa que o rap, torna-se um fator diferencial na vida dos sujeitos impactados pelo estilo, provocando mudanças de comportamento e de percepção das situações sociais, buscamos nesse trabalho evidenciar esses movimentos de resistência e luta. Provocativo e estimulador para novos questionamentos e possibilidades, o rap se torna para além de um estilo musical um estilo de vida, onde os sujeitos adotam padrões de comportamentos, que questionam as construções sociais hegemônicas.

“[...]A força dos grupos de rap não vem de sua capacidade de excluir, de colocar-se acima da massa e produzir fascínio, inveja. Vem de seu poder de inclusão, da insistência na igualdade entre artistas e público, todos negros, todos de origem pobre, todas vítimas da mesma discriminação e da mesma escassez de oportunidades [...]”.
(KEHL, 1999, p.96)

O debate trazido por Maria Rita Kehl em seu artigo RADICAIS, RACIAIS, RACIONAIS a grande fratria do rap na periferia de São Paulo (1999) traz em diversos momentos entrevistas com participantes do grupo de rap Racionais MC's, onde os mesmos enfatizam o compromisso de despertar essa consciência crítica no seu público, visando uma sociedade menos injusta.

No documentário “Favela no Ar” no qual é abordado o contexto onde se situa e vive alguns dos/as principais rappers entre os anos 2002 e 2007 data de publicação do documentário. É retratado através das falas dos/as rappers diversos cenários onde justificam suas intenções na construção das músicas, o papel enquanto sujeitos críticos em que expõe e questionam as injustiças sociais. Dexter no documentário afirma que as músicas dos Racionais MC's tiveram a capacidade de “lhe despertar para a consciência social” (Informação verbal).¹ Segundo o

¹ Informação fornecida por MC. Dexter durante uma participação no “Documentário Favela no ar”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=D9NZCanKTnc>>. Acesso em 10 dez.2017.

mesmo era algo que jamais havia pensado até então, por se tratar da familiaridade que tinha com o contexto descrito nas músicas.

Segundo Bertelli (2012, p.217) “Pensar as dinâmicas sociais a partir de suas margens é uma perspectiva que há muito vem se colocando às Ciências Sociais”. A partir dessa perspectiva destacamos que o objeto em questão parte dessas “margens sociais”, nasce e se desenvolve nas culturas populares, onde procura-se evidenciar essas produções de conhecimento. Buscando-se através desses meios dar visibilidade a esses atores que vivem nas “margens sociais” invisibilizados pelas problemáticas levantadas pelos mesmos, que em sua maioria tendem a adotar um posicionamento crítico e não passivo quanto as realidades de violência.

[...]a linguagem é uma objetivação humana repleta de significados, sendo construída e apropriada na relação intersubjetiva e que demanda, ao mesmo tempo, ação, pensamento e afeto. Sempre aliada ao pensamento, toda forma de linguagem se faz iluminada por ele e sua relação se dá no processo de transformação de um no outro. (HINKEL; MAHEIRIE, 2007, p.91)

A linguagem musical rap traz consigo, segundo (BERTELLI, 2012), uma carga de questionamento e aspectos socioculturais das vidas nas periferias, como a desigualdade social, as violências e a criminalidade, dessa forma entendemos que os discursos tratados nas letras musicais são importantes para percebermos essas dinâmicas sociais presentes nas regiões de favelas. Destacando que a linguagem musical rap é uma “[...]forma estética tantas vezes desqualificada como ‘inculta’, ‘grosseira’, fruto da ‘incivilidade’ proveniente da falta dos atributos que definem a ‘boa sociedade’[...]”. (BERTELLI, 2012, p.216). Nessa perspectiva compreendemos que o rap, estilo musical proveniente destes espaços subalternizados, traz consigo questionamentos e críticas profundas aos modelos de reprodução de poder postos na sociedade.

Bertelli (2012) ao realizar uma análise do trabalho de Eder Sader (1988) onde o mesmo explorando os processos de aparição de “novos personagens” de enfrentamento das realidades sociais, aponta três processos que em sua dinâmica estão ligados e simultâneos. Dessa forma o mesmo afirma que:

“[...]a existência de uma experiência compartilhada entre pessoas em condições e posições sociais semelhantes; a constituição de uma matriz discursiva capaz de circunscrever e significar esta experiência aos que nela se encontram envolvidos; a emergência de sujeitos de significação, isto é, de sujeitos que, por um lado, se constituem justamente na articulação entre a experiência compartilhada e a matriz discursiva que a enuncia, e, por outro, na prática de traduzi-las em reivindicações postas em confronto com o ordenamento do espaço público”. (BERTELLI, 2012, p.219-220)

Partindo dessa perspectiva, pensar o rap nesse contexto é pensar um estilo musical com potencial político de mudar realidades e transformar modos de ver e pensar os espaços sociais. Onde permita aos sujeitos atingidos a capacidade de gerar e despertar a consciência crítica, para que de forma autônoma possam intervir e mudar suas realidades difíceis. O rapper Dexter no documentário “Favela no Ar” afirma “Você vai educar nosso povo. No Brasil, educar o povo, é dá um golpe de estado”. (Informação verbal)². É enfatizado o discurso da mudança a partir da consciência, os/as sujeitos em questão têm essa consciência do poder de transformação que podem causar nessas populações subalternizadas e marginalizadas.

O rapper Sabotage, no documentário “Favela no Ar” enfatiza sobre suas intenções nas produções de suas músicas, destacando que, o intuito é passar uma reflexão sobre os contextos sociais no qual estão inseridos, buscando através desses meios provocar transformações nas realidades de outras pessoas. Destaca ainda que o estilo musical rap é marginalizado no cenário da música nacional, no entanto tem esse poder de provocar mudanças individuais.

Trabalhar essa temática é relevante para o meio acadêmico como forma de colocar em evidência, esses movimentos de resistência, tendo em vista que o número de produções acadêmicas relacionadas a essas temáticas ainda é relativamente pequeno. Segundo Macedo (2010) realizando pesquisas acerca das produções acadêmicas com essa temática no banco de dados da Capes aponta que:

[...] entre 1999 a 2001 não há registros de dissertações sobre o hip hop, entretanto, pelo menos nos últimos seis anos, o número de pesquisas sobre o hip hop e principalmente sobre seus desdobramentos, aumentou expressivamente. Entre 2002 a 2007 encontramos 39 dissertações, com uma média de seis trabalhos por ano [...] (MACEDO, 2010, p. 24)

A partir desses dados compreendemos que apesar da ascensão do número de produções ainda existem relativamente poucas produções tratando a temática em questão. Número que se reduz ainda mais, quando se pensa no tema, no contexto do Ceará. Diante dessa perspectiva, a produção vem dessa forma contribuir com a discussão no campo, trazendo novas perspectivas e contribuições para produções para acrescentar no debate.

² Informação fornecida por MC. Dexter durante uma participação no “Documentário Favela no ar”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=D9NZCanKTnc>>. Acesso em 10 dez.2017.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

- Analisar o impacto do rap como combate à estigmatização da pobreza na história de vida de MCs de Fortaleza;

3.2. Objetivos específicos

- Descrever as trajetórias de vida dos MCS;
- Compreender o significado da rap para os MCs no combate à estigmatização da pobreza;
- Analisar a influência do rap no combate à estigmatização da pobreza na trajetória de vida dos MCs;

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1. História do rap

4.1.1. Surgimento do Rap EUA

A música durante a história da humanidade está ligada intimamente a inúmeros contextos de resistência, tornando-se por diversas vezes um dos principais canais de transmitir e colocar em evidência uma opressão sofrida por determinado povo. O rap, estilo musical que será abordado durante esse trabalho, é um desses elementos de resistência, em que até os dias atuais é um dos principais meios usados para denunciar uma situação de estigmatização, marginalização, esquecimento e abandono pelo Estado. Para discutimos sobre as implicações do rap na vida das pessoas, é imprescindível fazer uma contextualização do movimento traçando marcos históricos importantes até a difusão nas periferias das grandes cidades do Brasil.

O movimento Hip Hop nos Estados Unidos vai surgir na década de 1960 e 1970, onde segundo (KARNAL et al., 2007) o país passava por um momento em sua história de profundas segregações raciais. Segundo (MACEDO, 2010) o contexto social de resistência se relacionava muito fortemente ao contexto de resistência e luta, contra a discriminação racial vivenciados por milhares de pessoas negras e em situação de vulnerabilidade social, surgindo como mecanismo de resistência. Segundo Macedo (2010, p.13) era um “[...] período marcado pelos protestos e reivindicações influenciadas pelos grandes nomes da luta por direitos civis (Martin Luther King, Malcolm X, Panteras Negras) [...]”.

A situação da sociedade estadunidense era de um contexto de forte segregação racial, discriminação e violência, que durante um longo período da história dos Estados Unidos, foi institucionalizada pelo estado através das leis Jim Crow³, para manter uma supremacia branca, onde “[...]Apenas nas décadas de 1950 e 1960 a suprema Corte derrubaria a ideia de “separados, mas iguais” (KARNAL et al., 2007, p.126). Dessa forma a realidade dos negros nos EUA na década de 50 e 60, segundo (KARNAL et al., 2007), era de uma sociedade extremamente preconceituosa e segregada, e entre outros fatores de opressão e discriminação no qual os mesmos estavam inseridos socialmente.

³ “O termo “Jim Crow”, nascido de uma música popular, referia-se a toda lei (foram dezenas) que seguisse o princípio “separados, mas iguais”, estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros”. (KARNAL et al., 2007)

É nessas circunstâncias que as expressões artísticas e culturais como, a dança, música, poesias e as pinturas, que questionam e criticam esses valores e posicionamentos postos pela sociedade, ganham visibilidade e reconhecimento, provocando uma rápida difusão do movimento pelo país, incorporando a cultura local já existente de resistência dos jovens negros dos subúrbios.

As origens do movimento Hip Hop, no entanto, estão ligadas a cultura Jamaicana, que por sua vez tem suas raízes na África. Foi através do Afrika Bambaataa⁴ que o estilo musical se difundiu e ganhou novos elementos e características. A introdução do estilo musical nos EUA está ligada ao contexto de emigração dos jovens jamaicanos motivados pela crise econômica e social no qual seu país estava inserido, o que acarretou na difusão do movimento pelos guetos pobres das grandes cidades.

De acordo com o movimento Hip Hop, em texto publicado no site institucional da ONG Wooz, o rap surgiu na Jamaica mais ou menos na década de 60 quando surgiram os “Sound Systems”, que eram colocados nas ruas dos guetos Jamaicanos para animar os bailes. Esses bailes serviam de fundo para o discurso dos “toasters”, autênticos mestres de cerimônia que comentavam, nas suas intervenções, assuntos como a violência das favelas de Kingston e a situação política da ilha, além de temas como sexo e drogas. (REIS, 2007, p.29)

O RAP, que segundo REIS (2007, p.9), é a abreviação do inglês “rhyme and poetry”, através das produtoras que enxergavam o estilo musical como sendo muito lucrativo, foi ganhando espaço na indústria musical fonográfica, difundindo-se rapidamente por diversos países e sofrendo inúmeras mudanças e variações em suas características, se adequando a realidade de cada local. O teor político que as músicas traziam, criticando fortemente o sistema de opressão, servia como canal de denuncia dessas pessoas que viviam a margem da sociedade, caracterizando-se como um dos mais fortes elementos de luta.

As atuações dos DJs e dos MCs, desde a formação do rap nos Estados Unidos, foram gradualmente se aperfeiçoando. Tanto a musicalidade como as letras foram se modificando. Neste sentido, é considerado um marco importante a passagem das com temas relacionados com o universo da diversão para as letras com conteúdo étnico, político e social que é a principal característica do rap a nível mundial, mesmo que atualmente existam vários subgêneros. (MACEDO, 2010, p.14)

⁴ “Afrika Bambaataa é o pseudônimo de Kevin Donovan (Bronx, Nova York, 10 de abril de 1960) é um DJ estadunidense e líder da Zulu Nation, reconhecido como fundador oficial do Hip Hop. [...] Usando sons, que iam desde James Brown (o mestre da Soul Music) até o som eletrônico da música “Trans-Europe Express” (da banda européia Kraftwerk), e misturando ao canto falado trazido pelo DJ jamaicano Kool Herc, Bambaataa criou a música “Planet Rock” [...]”. Disponível em: <http://www.noticiario-periferico.com/2007/10/biografia-da-semana-sobre-uma-das.html#.Wh1ai0qnHIU>>. Acesso em: 03 nov.2017

4.1.2. Rap no Brasil

O rap chegou ao Brasil na década de 80, alguns anos depois de ter ganhado popularidade nos EUA. Segundo Essinger (2000) em seu artigo publicado no site Cliquemusic, com o tema “Rimas dos negros americanos ganham tradução” no qual ele traça uma contextualização da chegada do movimento hip hop no Brasil, e seus principais precursores, destacando que o movimento “chegou pelas mãos das equipes que faziam os bailes soul e dos discos e revistas que começaram a ser vendidos em lojas nas galerias da Rua 24 de Maio, no Centro”.

O estilo musical, segundo Essinger (2000), vai surgir inicialmente em algumas regiões de São Paulo, posteriormente no Rio de Janeiro difundindo-se por outras regiões do país, e rapidamente se tornando um estilo musical conhecido nacionalmente, adquirindo características próprias em cada lugar onde se desenvolveu, se incorporando aos elementos tradicionais da característica de cada lugar.

As primeiras manifestações de hip hop brasileiras foram produzidas em lugares públicos no centro de São Paulo, em estações de metrô ou em praças. Apesar de oriundos das periferias esses jovens se apropriaram do centro. Deste modo, adquiriram visibilidade e ressignificando estes espaços públicos, na medida em que atribuíram outro uso para eles[...] (MACEDO, 2010, p.19)

O aparecimento desse estilo se deu muito ao fato do desenvolvimento dos grupos e coletivos de movimentos sociais, que com o fim da ditadura em 1985, expandiram suas atuações nos campos de crítica as formas de opressão, demonstrando estarem atentos ao contexto de resistência em outros lugares fora do país, como destaca Iolanda Macedo em sua dissertação, com o título, “Discurso musical rap” onde aponta que (2010, p.18) “A partir de 1980, com o enfraquecimento e termino da ditadura, os movimentos sociais se ampliaram, expandindo também as temáticas e a quantidade dos coletivos[...]”. Dessa forma, notamos que o contexto histórico no qual o Brasil propiciou para o desenvolvimento e expansão da cultura musical como instrumento de luta e resistência, provocando uma rápida difusão pelos centros urbanos do país.

O estilo musical rap ganhou maior visibilidade no cenário nacional após o surgimento do grupo de rappers paulistanos Racionais MC’s, que atingiram um patamar de sucesso, onde nenhum outro grupo havia alcançado anteriormente, chegando a vender mais de um milhão de cópias com o seu álbum “Sobrevivendo no Inferno”. Em suas letras, traziam críticas sociais fortes, dando visibilidade a situação de violência no qual os jovens negros estavam inseridos nas favelas de São Paulo. O alcance que a produção teve provocou o interesse da indústria

cultural na apropriação do estilo musical. Macedo (2010, p.19) destaca ainda que: “A aproximação do rap nacional com a indústria cultural, de certa forma, inseriu o gênero musical num contexto alvo de suas críticas, mas também possibilitou uma maior visibilidade ao hip hop e aos seus discursos”.

Segundo Macedo (2010) outros grupos ganharam notoriedade no cenário do rap em outras cidades do país, assumindo características próprias em cada lugar, como no Rio de Janeiro, onde tem por característica um rap mais cantado, devido ao envolvimento com o samba, não deixando, no entanto, de fazer as críticas as opressões sociais. Essinger (2000) a esse respeito discuti que o estilo musical também ganhou novas características em Recife onde grupos se destacaram apresentando um “embolada-rap” e as fusões com outros estilos musicais como o rock, que geraram em alguns grupos nacionais outras características para o rap nacional.

Paralelamente, o rap se espandiu para outras partes do Brasil, inspirando uma série de artistas, como o Câmbio Negro e o GOG (de Brasília), o Faces do Subúrbio e o Sistema X (de Recife, onde também surgiu o rapper-embolador Chico Science), Da Guedz e Piá (Porto Alegre) e Black Soul (Belo Horizonte). Mais para o meio da década, o rap experimentou no Brasil suas primeiras fusões com o rock, em bandas como a carioca Planet Hemp (de Marcelo D2) e em grupos de rap que viraram banda, como o paulistano Pavilhão 9 (referência ao local no presídio do Carandiru onde mais de 100 presos foram executados de uma vez só pela polícia) e Câmbio Negro. (ESSINGER, 2000)

4.1.3. Rap em Fortaleza

Em Fortaleza o rap vai se fazer presente na cultura local dos jovens, assim como em outros lugares do país, em meados dos anos 80, quando o estilo musical já estava se desenvolvendo em outras regiões. Francisco José Gomes Damasceno em seu artigo “As cidades da juventude em Fortaleza” (2007) destacam que os primeiros remanescentes do movimento Hip Hop a chegarem foi a dança Break⁵ logo após o rap cantado e posteriormente o grafite, que foram introduzidas a cultura da juventude em Fortaleza. A difusão entre os grupos aconteceu de forma rápida através de espaços já ocupados por jovens ligados a outros estilos musicais como o movimento da cultura punk que já vinha fazendo intervenções nos espaços públicos da cidade, para propagar o estilo musical e provocando a criticidade das pessoas inclusas nesse meio, levantando questionamentos sobre o sistema capitalista e os meios de opressão.

⁵ É um estilo de dança de rua, parte da cultura do Hip-Hop criada por afro-americanos e latinos na década de 1970 em Nova Iorque, Estados Unidos, normalmente dançada ao som do Hip-Hop.

Com a chegada do rap em Fortaleza, o movimento hip hop passou a se desenvolver absorvendo características próprias da região, adaptando os estilos musicais já existentes, e produzindo debates sobre a realidade da juventude fortalezense. Damasceno (2007) destaca ainda que, na realidade social do desenvolvimento das manifestações culturais em meados dos anos 80, “Não há ‘oferta’ de bailes específicos, ou seja, de festas com a predominância de uma única manifestação musical” (2007, p.219). Dessa forma, os eventos aconteciam de forma mesclada com outros estilos de música. Aponta ainda que eventos com as características de apenas um estilo musical só foi começar a acontecer na década de 90.

Talvez isso indique o pequeno número de frequentadores dos estilos que depois comporiam o underground em Fortaleza, juntando-os numa estratégia de produção, venda e consumo que atendia naquele momento suas expectativas e possibilidades; ou talvez fosse reflexo de uma outra compreensão de diversão. O certo é que essa junção contribuía na formação dos grupos pelo convívio com a diferença, no nascedouro de muitas dessas manifestações como é o caso do rock, do punk, do próprio hip hop e até do forró, que durante algum tempo frequentam os mesmos pequenos clubes nesses ‘bailes mistos’. (DAMASCENO, 2007, p.219-220)

O entrelaçamento e as relações próximas entre esses diferentes estilos musicais provocaram mudanças no comportamento das pessoas que estavam inclusas naquele meio, estimulando aos mesmos levantar provocações e questionamentos, posicionando-se contra os meios de exploração capitalista e dando visibilidade as mais diversas opressões sociais.

No decorrer dos anos 80, tanto o punk como o hip-hop passam por um intenso processo de articulação interna, de articulações políticas, culturais e sociais, no sentido de se fundarem. Eles se criam, por assim dizer, em si mesmos. Estruturam-se enquanto organizações de cunho libertário e de ação contracultural, numa consistente postura de enfrentamento e negação do mercado de bens culturais. Assim, o que era apenas festa, lazer, tornou-se movimentação, e essa movimentação das culturas — como se chamava nos primórdios do movimento — se institui como movimento sócio-político-cultural, como o entendemos com base nos estudos realizados nos últimos anos. (DAMASCENO, 2007, p.221)

A difusão do rap pelo Brasil, através desses precursores da cultura do hip hop, provocou o surgimento de inúmeros grupos independentes por todo o país, estimulando a crítica as situações de opressão social, de raça e preconceito vivenciadas diariamente por cada sujeito que está em situação de subalternização social. Estas opressões que estão diretamente vinculadas a situação de classe no qual as pessoas estão inclusas, em que as classes menos favorecidas são estigmatizadas e sujeitadas a viverem em condições de vida humilhantes. O rap se dissemina nesses espaços, se colocando como um “porta voz” dessas pessoas, as letras trazem as suas realidades de vida, possibilitando através de seus próprios moradores demonstrar sua realidade, dando visibilidade as opressões a partir da fala dos próprios sujeitos que as sofrem.

4.2. Pobreza e seus processos de estigmatização

O processo de colonização e ocupação do Brasil está desde sua formação vinculado a questão de opressão sobre as populações pobres e subalternizadas, onde segundo Moura, Ximenes e Sarriera (2014), nunca houve um processo de integrar essas pessoas em situação de vulnerabilidade social a uma vida minimamente digna por parte do estado nacional.

“[...]a pobreza no Brasil geralmente não era foco das intervenções governamentais até a Constituição de 1988. A modernização implantada no Brasil trouxe uma maior fragmentação social, repercutindo no desenvolvimento urbano desordenado, na falta de infraestrutura adequada para o crescimento e no aumento da pobreza com a elevação do número de favelas e do êxodo rural. Os indivíduos pobres eram, então, os únicos culpabilizados por sua situação de pobreza, sendo reconhecidos como as causas para os principais problemas do país [...]” (MOURA; XIMENES; SARRIERA, 2014, p.86)

É importante destacar aqui que, ao nos referirmos à pobreza, destacamos que ela “[...] é vista como um estado no qual o ser humano está inserido em condições adversas de sobrevivência material e simbólica” (CIDADE; MOURA; XIMENES, 2012, p.89). Partindo dessa ideia, compreendemos que a situação de pobreza está para além da situação econômica, como destaca os sentidos que medem o desenvolvimento e diminuição dos índices de pobreza, entrando outros fatores que compõem esse quadro de pessoas que estão inclusas nessas realidades sociais.

Segundo Cidade, Moura Junior e Ximenes (2012), o Estado considera que uma pessoa se encontra numa situação de pobreza quando a mesma não tem o poder de consumo, equivalente as classes superiores, focalizando simplesmente nas questões econômicas. Os mesmos autores (apud Laderchi; Saith & Stewart, 2003) apontam que, “[...]O indicador de bem-estar da pessoa é o consumo [...]”. Cidade, Moura Junior e Ximenes (2012, p.89), tratando um problema estrutural da sociedade brasileira de forma a não solucionar definitivamente estas contradições sociais.

“[...] a pobreza é considerada como um estado de privação da liberdade oriundo de estruturas marginalizantes e opressoras. Esse cerceamento se manifesta tanto nos níveis macrossocial e microssocial de uma sociedade, como nas formas de privação de liberdades presentes nas interações sociais. Tais fatores dizem a realização das funcionalidades dos seres humanos, ou seja, exterminam as intenções do indivíduo de viver do modo que lhe convier mais adequado”. (CIDADE; MOURA JUNIOR; XIMENES, 2012, p.89)

É importante destacar que as implicações relacionadas à pobreza estão vinculadas a manutenção de uma ordem social, onde constantemente é questionada através das letras dos grupos de rap. Na música “Beco Sem Saída” do grupo Racionais MC’s, os autores questionam a situação da construção das riquezas e do poder da burguesia onde os mesmos afirmam “A

burguesia, conhecida como classe nobre tem nojo e odeia a todos nós, negros pobres. Por outro lado, adoram nossa pobreza pois é dela que é feita sua maldita riqueza” (RACIONAIS MC’S, 1990). Os autores questionam estas problemáticas, enquanto sujeitos inclusos numa situação de pobreza. Segundo Moura Junior et al. (2014) citando Moura (2012), apontam que:

“[...] às pessoas pobres são geralmente impetradas variadas formas de discriminação, sendo concebidas como criminosas, violentas, culpadas pela sua situação de pobreza, vagabundas, sujas, doentes e causadoras de mazelas sociais. A pobreza, então, funciona como uma estratégia de manutenção do status quo”. (MOURA JUNIOR et al., 2014, p.343)

Com os debates rasos entorno dessas problemáticas por parte do Estado, onde a falta de planejamento urbano, político e social provocou disparidades econômicas, em que os menos favorecidos socialmente, são submetidos a condições de vida humilhantes, condicionados a viverem em meio a violência e desigualdade. Dessa forma percebemos que a falta de debate público entorno dessas questões acaba por gerar na construção da sociedade formas de pensar as classes baixas de forma inferior e cheias de cargas discriminatórias restando aos mesmos intervirem através dos meios de resistência e luta.

“Do ponto de vista jurídico, uma sociedade que prega a construção diferenciada e não-plural de seus membros, como signo do preconceito, que admite o acesso particularizado de alguns, seja aos bens materiais, seja aos bens culturais, que dá valoração positiva à desigualdade substantiva de seus membros está fadada à instauração da violência nas suas variantes materiais e simbólicas”. (BANDEIRA; BATISTA, 2002, p.121)

O preconceito na sociedade atual é uma questão que gera diversas problemáticas e implicações sociais que se interligam com outras formas de opressão. Partindo dessa questão (BANDEIRA; BATISTA, 2002), afirma que a construção da sociedade atual é regida por bases preconceituosas e discriminatórias, onde somente há pouquíssimo tempo se discute essas questões numa perspectiva de desconstrução desses problemas sociais.

Segundo Moura e Sarriera (2016) onde os mesmos discutindo Gooffman (2008), apresentam a ideia da construção da identidade estigmatizada das populações pobres, afirmando que “[...]há historicamente uma identidade social estigmatizada da pessoa pobre”. (2016, p.2). Partindo dessas ideias, apontamos que a sociedade atual é regida por parâmetros sociais de construção de estereótipos depreciativos das classes menos favorecidas, onde historicamente existe a construção de uma identidade negativa de pobre.

Partindo desses parâmetros identitários das populações pobres, identificamos que os rappers carregam essas marcas culturais, constituindo-se como pertencentes das mesmas classes sociais dessas pessoas inferiorizadas e marginalizadas. Tendo em vista que a maioria dos

rappers possuem origens populares de regiões marginalizadas e esquecidas pelo poder público, ganham destaque enfatizando e evidenciando essas opressões sofridas no cotidiano dessas pessoas. Essas origens se evidenciam nas críticas presentes em diversas músicas que trazem consigo uma carga de significados e críticas enfatizando as resistências dessas populações estigmatizadas e inferiorizadas.

A música “Óoh” (2014) do grupo de rap “PrimeiraMente” de composição Railow, Leal, Gali, traz uma carga de críticas relacionando ao contexto vivenciado no período em que foi construída, em que estava passando pela copa do mundo e todas as problemáticas geradas em torno dessa questão. “A Copa devia ser copo pras criança matar a sede” enfatiza os autores, questionando essa situação de pobreza e miséria vivenciada pelas pessoas que ocupam esses espaços abandonados pelo poder público. Com isso compreendemos que essas marcas de questionamentos e críticas são características nas mais diversas produções musicais dos rappers espalhados pelo Brasil, onde cada região enfatiza seus contextos e suas problemáticas.

4.3. Consciência de classe a partir do rap

4.3.1. O rap como agente estimulador

As provocações que os rappers levantam em suas músicas, trazem consigo a denúncia sobre um lugar de fala onde em geral é estigmatizado e invisibilizado, se reconhecendo como sujeitos e agentes que trabalham com o intuito de provocar transformações e construindo suas próprias narrativas através de suas próprias situação de opressões sofridas. Fomentar um debate para a consciência de classe é uma das questões centrais abordadas por diversos rappers, com a capacidade de ser um mecanismo de resistência e organização social.

A consciência da situação de oprimidos, se constituindo enquanto pessoas políticas, realizando provocações a partir de seu lugar de estigmatizado, evidencia-se nas atitudes tomadas com relação ao posicionamento dos rappers em relação aos meios de comunicação, questionando o papel das grandes mídias em trabalhar a favor das classes hegemônicas. Os membros do grupo Racionais MC’s não participam e nem concedem entrevistas as grandes emissoras nacionais, pois questionam essa visibilidade, atribuindo que sua ascensão social não resolve os problemas sociais, criticando o papel da mídia como elemento principal para manutenção do sistema capitalista, que provoca toda a situação de sujeição. “Recusam qualquer

postura de pop-star. Para eles, a questão do reconhecimento e da inclusão não se resolve através da ascensão oferecida pela lógica do mercado. ” (KEHL, 1999, p.96)

[...]“E o que aconteceria (Raça) se todo negro da periferia agisse assim? ” – “O Brasil ia ser um país mais justo”. As mensagens dos Racionais para o pessoal que ouve e compra seus CDs são as seguintes: “Gostaria que eles se valorizassem e gostassem de si mesmos” (Mano Brown); “Ideologia e autovalorização” (KL Jay); “Dignidade deve ser o seu lema” (Ice Blue); “Que escutem os Racionais, é lógico; E paz! ” (Edy Rock) (entrevista para DJ Sound n.15, 1991). (KEHL, 1999, p.96-97)

A produção dos Racionais MC’s tem um forte foco na autovalorização na mudança individual, sempre visando o coletivo, na construção enquanto sujeitos capazes de mudar sua realidade a partir da tomada de consciência política de cada pessoa que vive nas regiões menos abastadas de acompanhamento do Estado Nacional. Posicionam-se contra uma visão conformista das situações e atuando ativamente na construção da consciência da identidade de classe dessas pessoas.

Os/as jovens que participam deste movimento, falam das questões específicas de seu cotidiano refletem suas insatisfações quanto à ordem social vigente. Ressignificam os territórios (o residencial, a rua e os locais de festa) como espaços de resistência e de construção de identidades individuais e coletivas. (SANTOS, 2012, p.5)

A característica principal das músicas de rap é provocar críticas as opressões sociais, tentando despertar uma consciência coletiva. Dessa forma os rappers se utilizam desses mecanismos de luta, procurando servir como ferramentas de modificação e conscientização do comportamento de inúmeras pessoas que vivem em uma situação de exclusão socioeconômica, estabelecendo-se como um mecanismo de motivação para alterar a realidade de violência dessas pessoas, fato esse que pode ser notado em diversas músicas dos mais diversos grupos de rappers.

Atuar através da musicalidade para servir como agente transformacional é uma das características principais dos rappers, provocando e estimulando a criticidade em seu público ouvinte. Nessa perspectiva, podemos destacar que existe uma tentativa de mudar a realidade social das pessoas pelo qual os grupos se referem em suas letras. Procuram estimular que esses sujeitos se tornem protagonistas, atuando ativamente para mudar suas próprias realidades. Ademar Bogo (2010) em seu livro “identidade e luta de classes” vai discutir sobre construção de “identidades de classe”, onde os sujeitos reconhecendo os espaços de poder, que são usados para estigmatizar as classes menos favorecidas no qual estão inseridos, lutam para construir uma unidade de combate a estas opressões sofridas.

4.3.2. O rap estimulando a consciência de classe

Segundo Bogo (2010) a construção e reconstrução de uma “identidade de classe” é constituída quando os sujeitos constroem uma consciência coletiva em oposição às opressões vivenciadas por pessoas em situação de vulnerabilidade social, atuando diretamente no combate as situações postas, criando mecanismo de resistência as opressões sofridas. Nessa perspectiva podemos destacar que o estilo musical rap, através das pessoas que o constituem, atua como um agente ativo no enfrentamento das opressões, fomentando o debate em prol da consciência coletiva para a identidade de classe.

É possível observar a busca por essa consciência coletiva, para a situação de classe, em letras de diversos artistas, que enfatizam seu posicionamento a partir de um povo que historicamente foi estigmatizado, marginalizado e excluído. Nas músicas dos Racionais MC's, podemos destacar diversos trechos onde os mesmos se posicionam como sujeitos protagonistas no combate aos estigmas sociais e agem questionando essas situações postas pela sociedade, evidenciando as dificuldades das pessoas nessa realidade social. Maria Rita Kehl em seu artigo “RADICAIS, RACIAIS, RACIONAIS a grande fratria do rap na periferia de São Paulo” enfatiza que o grupo tem um respaldo nos públicos atingidos pelas mensagens passadas nas músicas, gerando um sentimento de representatividade, em boa parte das pessoas que vivem nas áreas das favelas ou em condições similares as situações descritas em suas letras.

[...] Mas os “manos” têm uma idéia um pouco mais precisa de sua revolução, a começar pelas armas: sua palavra em primeiro lugar. Em seguida, sua “consciência”, sua “atitude” – expressões empregadas insistentemente nas letras dos Racionais, e que em termos gerais significam: orgulho da raça negra e lealdade para com os irmãos de etnia e de pobreza. Sabem para quem estão falando, e sabem sobretudo de onde estão falando[...] (KEHL, Maria Rita, p.96)

Segundo Ademar Bogo, (2010, p.118) “identidade de classe se forma quando há reações concretas de lutas para não aceitar passivamente aquilo que está estabelecido por força da classe dominante”. Podemos destacar com base a partir das letras dos diferentes grupos de rap, que o mesmo atua diretamente como uma força de reação a essas opressões provocadas pela classe dominante, onde questiona as visões e os valores estabelecidos pela sociedade em relação ao “povo favelado”, provocando críticas nos mais diversos campos de debates contemporâneos, como a situação de preconceito vivenciada pela população negra do país. Levanta-se também a

questão de gênero onde questiona a situação de opressão vivida pelas mulheres na sociedade patriarcal e a situação de miséria social entre outros campos.

É comum observar nas letras esses questionamentos relacionados a valorização da identidade de classe. Na música “favela vive 2” de composição dos rappers Adl. Bk, Funkeiro, MV Bill, (2016) em que o rapper BK afirma, “Eu lucro fazendo dinheiro, mas ganho fazendo meus irmãos pensar, somos iguais, não vamos nos matar” se destaca o discurso da intenção de provocar a criticidade nas pessoas que fazem parte do ciclo social. Nessa perspectiva o sucesso está na mudança da situação de alienação social que estão inseridos. Essa busca por transformar o meio é comum nas letras de diversos artistas. Nessa perspectiva podemos destacar que os rappers atuam como protagonistas na construção dessa “identidade de classe”, no qual o foco dos agentes atuantes se dá na tentativa de mudar a realidade difícil vivenciadas por estas pessoas que foram historicamente excluídas.

Frente a isto ocorre, então, o surgimento do que podemos chamar, num primeiro momento, de “identidade consciente”. Trata-se de compreender o que de fato é a realidade em que vivemos. Em segundo lugar essa identidade eleva-se para a “autoconsciência”, que nos permite saber o que de fato queremos fazer de nós mesmos enquanto classe. Assim na coletividade buscamos produzir a auto identidade que se enraíza na autoestima e, então, os passos dados deixam de ser aleatórios e em vão [...] (BOGO, 2010, p.118)

Compreender os estigmas sociais em relação a população pobre, negras e em situação de marginalidade, buscando intervir e procurando transformar o meio, estimulando uma organização social, para combater essas violências sofridas, demonstra que existe uma consciência da identidade de classe, no qual os rappers explicitam em suas letras.

4.4. O campo artístico e a educação não formal

4.4.1. A Construção da educação não formal

As expressões artísticas estão presentes na sociedade desde os períodos em que se tem registros, caracterizando-se como um importante canal de expressão social, servindo muitas vezes como um instrumento de denúncia e possibilidade de estimular a crítica. Segundo Gohn (2015, p.9) “Desde tempos remotos, linguagens artísticas têm sido utilizadas como forma de protesto social”, apresentando-se também como forma de desenvolver o senso crítico e expressar as inquietações e indignações presentes nas realidades das pessoas em situação de estigmatização social.

O campo das artes é um espaço de educação não formal, e a musicalidade é importante “por ter característica de uma linguagem universal e por atrair a atenção de todas as faixas etárias, o grande espaço de desenvolvimento de programas e projetos de educação não formal” (GOHN (2015, p.17). Assim, garante-se a transmissão das ideias e questionamentos através de meios considerados informais, onde as pessoas assimilem as mensagens transmitidas e assim possam interagir de forma ativa na mudança dos seus contextos sociais.

A área da educação é um campo bastante disputado pelos sistemas reprodutores da soberania das classes dominantes. Dessa forma, a educação é segundo (GOHN, 2015) dividida em três campos, educação formal, educação informal e educação não formal. Gohn a esse respeito explicita que:

[...] educação formal aquela recebida na escola, regulamentada e normatizada por leis, via de conjuntos de práticas que se organizam em matérias e disciplinas; a educação informal aquela que os indivíduos assimilam pela família, pelo local onde nascem, religião, território e classe social da família; e a educação não formal, que tem um campo próprio embora possa se articular com as duas anteriores. (GOHN, Maria da Glória, 2015, p.16)

A compreensão de que a educação transmitida nas escolas (educação formal) não representa a única forma de se transmitir os valores sociais da sociedade, reconhecendo que coexistem diferentes tipos e formas de aprender e compreender a sociedade, é um desafio para os grupos marginalizados que questionam esses valores postos. Para Brandão (1981, p.4), “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”. Nessa perspectiva podemos destacar que o rap se encaixa nessa ideia de produção intelectual, no campo da educação não formal. Apesar de não estar em espaços formais de conhecimento, transmite valores e conhecimentos, provocando e estimulando a criticidade.

Educação não formal engloba saberes e aprendizados gerados ao longo da vida, de forma individual ou coletiva – a exemplos de experiências via a participação social, cultural ou política em determinados processos de aprendizagens, tais como projetos sociais, movimentos sociais, programas de formação sobre saberes humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdade e exclusões sociais etc. (GOHN, Maria da Glória, 2015, p.16)

Os sujeitos que de alguma forma interagem com as discussões, os que criam as músicas e os que ouvem, estão modificando a situação de alienação no qual estavam inseridos, passando por uma transformação nas perspectivas e olhares sobre os espaços. Segundo GOHN sempre existe a recriação e a ressignificação do que foi compreendido, transformando o modo de pensar a partir do contexto vivido por cada sujeito, onde se aplicam a suas próprias realidades os

códigos transmitidos. “Há, portanto, um grau relativo de autonomia do sujeito que aprende” (GOHN, 2015, p. 18). Nessa perspectiva os sujeitos questionam os valores transmitidos a partir dos espaços e contextos onde estão inseridos,

4.4.2. A Construção dos Discursos

A palavra é um instrumento de poder, servindo numa perspectiva de manutenção das estruturas de dominação e controle social, configurando-se como canal de representação das categorias sociais vigentes na sociedade de classe. Vivemos numa sociedade onde os poderosos decidem as regras para transmitir os conceitos, impondo sobre as classes subalternizadas suas regras. Segundo os autores Carboni e Maestri (2012, p.12) “A língua é palco privilegiado da luta de classes, expressão e registro dos valores e sentimentos contraditórios de exploradores e explorados. As nações imperialistas lutam para impor suas línguas e, por meio delas, seus valores às nações dominadas [...]”, questionar esses valores postos, valorizar as linguagens e criar novos conceitos sociais, é uma forma de causar um desequilíbrio nessas estruturas de poder, colocando em evidencia conhecimentos estigmatizados e invisibilizados.

[...] Existimos dentro de um mundo social onde senhores do poder, através do Estado, decidem e definem para os “outros” (para nós) o que querem que seja a relação entre eles e os “outros” (nós). Vivemos em uma sociedade onde um Estado de democracia restrita não é o lugar coletivo do poder consensual de criar direitos, de criar por consenso as normas da vida coletiva, mas apenas é o lugar de obedecê-las. (BRANDÃO, 2006)

É importante para as pessoas que criticam as estruturas de poder, mantidas através das classes dominantes, não “pensar a educação como apenas educação” (BRANDÃO, 2006), restrita aos espaços institucionais, onde muitas vezes se ignora e invisibiliza os diversos modos de produção de conhecimentos, que não estão restritos a esses códigos sociais. O movimento “[...] hip hop possui uma relação evidente com a educação no que tange a construção de processos educativos [...]” (FIUZA; MACEDO, 2013, p.18), construindo espaços de debate em regiões marginalizados, estigmatizadas pelo Estado e distantes das academias, estimulando uma não passividade as situações de opressão provocadas pelo sistema capitalista.

O questionamento da produção de conhecimento nos espaços fora do âmbito escolar são de extrema relevância. Segundo Fiuza e Macedo (2013, p. 20) “[...] os indivíduos, escolhem, apontam, posicionam-se, recusam-se, resistem ou alavancam e impulsionam as ações sociais em que estão envolvidas segundo a cultura que herdaram no passado e na qual estão envolvidos, no presente.” Nessa perspectiva, é importante o reconhecimento da educação proveniente das culturas populares na construção do conhecimento social e entender que esses códigos sociais

provenientes das regiões subalternizadas se configuram como uma identidade característica do povo que a constitui.

A sacralização do falar culto jamais pressupôs a sua efetiva sacralização. Tal processo exigiria que as comunidades subalternizadas fossem efetivamente integradas a nacionalidade, o que era e é inaceitável para as classes dominadoras, já que questionaria a própria função fundamental desses setores como produtores de riqueza marginalizados do gozo das mesmas. A incorporação efetiva dos segmentos populares à cidadania significaria a universalização do ensino e um respeito a cultura popular o que poriam fim ao próprio conceito de língua padrão". (CARBONI E MAESTRI, 2012, p. 40)

As escolas que atendem as classes baixas, segundo Stanley Aronowitz (2005), têm falhado constantemente no intuito da transmissão dos conhecimentos intelectuais e em provocar a consciência crítica do meio em seus estudantes, para interagirem de forma autônoma e independente nas discussões enquanto pessoa consciente de sua situação social de oprimido e estigmatizada pelo Estado.

Nessa perspectiva o autor discute que esses indivíduos estigmatizados aprendem um conjunto de códigos formalizados nas sociedades ocidentais dominantes e impostos as sociedades dominadas como valores importantes a serem compreendidos para a vivência em sociedade. Nessa perspectiva o autor aponta que as estruturas escolares incorporam as estruturas de classe da sociedade reproduzindo discursos normativos sobre as estruturas sociais vigentes.

O conhecimento escolar não constitui a única fonte de educação para os alunos, porventura nem mesmo a mais importante. Os jovens aprendem, para o bem e para o mal, por meio da cultura popular, especialmente pela música, por intermédio dos pais e estruturas familiares e, talvez mais importante, através dos seus pares. [...]. Na medida em que são sinônimo de solidariedade e incorporam sonhos comuns, a cultura popular, os pais e os pares constituem os mundos de quasi-comunidades que representam influências mais poderosas sobre os seus membros. (ARONOWITZ, 2005, p. 9).

É a partir dessa perspectiva que retomamos as ideias de que, o rap tem um papel importante na percepção da consciência da identidade de classes das populações estigmatizadas. Provocando através das críticas sociais presentes nas letras uma consciência crítica da situação de opressão, onde estes valores são transmitidos através de meios “não formais” de educação, onde o estilo musical interage com os diversos fatores do ambiente em que os indivíduos estão inseridos.

5. MÉTODOS

5.1. Tipo de método

“[...] O mundo real não se apresenta como uma totalidade, mas como um recorte que fazemos da totalidade. Esse recorte é concebido a partir do ponto de vista de onde nos encontramos e dos pressupostos que trazemos conosco [...] VÍCTORA, Knauth e Hassen (2000, p.1). Partindo dessa premissa, a metodologia utilizada para a idealização da pesquisa será os métodos qualitativos, tendo em vista que se trata de uma pesquisa de análise subjetiva onde ocorreram uma multiplicidade de fenômenos, no qual serão estudados.

A pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural. O pesquisador qualitativo sempre vai ao local (casa, escritório) onde está o participante para conduzir a pesquisa. Isso permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes. (CRESWELL, 2007, p.186)

Partindo da ideia de que o rap traz uma carga de significações para as pessoas envolvidas nesse cenário musical, destacando o impacto causados nesses mesmo, os métodos qualitativos se aplicam de forma a contemplar melhor os objetivos almejados, pois utilizam uma investigação mais específica de cada caso, provocando dessa forma uma maior relação entre entrevistado e entrevistador, construindo dessa forma um conhecimento conjunto.

Por se tratar de uma pesquisa no qual irei fazer entrevistas com o objetivo de obter o máximo de informações sobre esses impactos do rap em suas vidas, onde o entrevistador busca obter informações mais específicas e um contato mais próximo com a história de vida das pessoas entrevistadas. A partir dessa ideia a forma no qual poderei perceber as melhores questões a serem colocadas e discutidas a medida em que as entrevistas forem se desenvolvendo, buscando sempre obter o máximo de informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

“[...] as questões de pesquisa podem mudar e ser refinadas à medida que o pesquisador descobre o que perguntar e para quem fazer as perguntas. O processo de coleta de dados pode mudar à medida que as portas se abrem ou se fecham para a coleta de dados, e o pesquisador descobre os melhores locais para entender o fenômeno central de interesse. A teoria ou padrão geral de entendimento vai surgir à medida que ela começa com códigos iniciais, desenvolve-se em ternas mais amplos e

resulta em uma teoria baseada na realidade ou na interpretação ampla. [...] ” (CRESWELL, 2007, p. 186).

Segundo VÍCTORA, Knauth e Hassen (2000, p.8) “Uma das principais características dos métodos qualitativos é o fato de que as pesquisas são formuladas para fornecerem uma visão de dentro do grupo pesquisado, uma visão êmica⁶ [...]”, partindo dessa premissa, compreende-se que, se utilizando os parâmetros qualitativos de entrevista, obterem dos entrevistados uma maior gama de informações, a partir das observações de membros diretamente ligados com o rap.

Com a aplicação da metodologia qualitativa, a intenção é obter informações mais amplas referente ao contexto dos entrevistados. Dessa forma compreende-se que “[...]Alguém do meio, a partir do próprio ponto de vista, tem, relativamente, melhores condições de fornecer informações sobre esse meio do que alguém que observa, inicialmente de fora” Duarte (2002, p.143). Sendo assim a abordagem traz informações onde os próprios entrevistados possam transmitir suas percepções sobre a realidade no qual se pretende ser abordada.

5.2. Técnicas utilizadas

As técnicas que serão utilizadas para aplicação e desenvolvimento da pesquisa será a de a análise de narrativas a partir das informações transmitidas pelos mesmos, no seu contexto social, buscando dessa forma interagir com os entrevistados. Com base nesse procedimento, tenho por intuito [...]entender como regras, hábitos, padrões sociais são vivenciados cotidianamente pelos indivíduos. [...]” (ALONSO, 2016, p.10)

“[...]A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados”. (BONI V, QUARESMA SJ, 2005, p.72)

Partindo dessa premissa onde será necessário compreender os sujeitos entrevistados em seu espaço natural, a pesquisa se dará a partir de observações participantes, entendendo que essa técnica carrega um conjunto de formas que contribuem para o melhor desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma é importante entender que o pesquisador deve obedecer um grau de

⁶ Para distinguir o modo de conhecimento do observador estranho, que é distinto do modo de conhecer do grupo pesquisado, são utilizados os termos lingüísticos fonético e fonêmico, eliminando o prefixo "fon", assim, ético é o conhecimento do observador, expresso em conceitos abstratos e gerais pertencentes a categorias teóricas. Êmico, pelo contrário, é o conhecimento próprio do indivíduo pertencente a uma cultura determinada, expresso na lógica interna do seu sistema de conhecimento. (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000, p.4)

estrutura para o desenvolvimento das observações, como escrever diários de campo contendo informações do lugar, dos participantes entre outros fatores que se fazem relevantes.

Diante dessa ideia o pesquisador participante, deve procurar compreender o contexto vivenciado pelos rappers, buscando registrar de forma minuciosa o espaço e os sujeitos que o constituem. Segundo (ALONSO, 2016, p.10), [...] O pesquisador se insere no dia a dia do grupo, participa dele, como se fosse um membro [...]. Nessa perspectiva contarei com o diário de campo, como forma de registrar as atividades, experiências e compreensões provocadas pelo campo.

5.3. Local de realização da pesquisa

A pesquisa pretende-se ser aplicada e desenvolvida na cidade de Fortaleza, região Nordeste do país e capital do Ceará, onde residem as pessoas que compõem os grupos nos quais participaram das entrevistas. Para melhor compreender a situação social em que Fortaleza encontra-se, se faz necessário apresentar alguns dados demográficos da região que situam melhor o contexto.

Segundo o censo populacional de 2017, estima-se que a quantidade populacional corresponde a 2.627.482 de habitantes, segundo o IBGE. Em 2010 o último censo correspondia a aproximadamente 2.452.185 pessoas, com densidade demográfica de [2010] de 7.786,44 hab/km². Dessa forma mostra um quadro populacional altíssimo, em que a má distribuição de renda e os altos números de desigualdade social contribuem para os altos índices de violência na cidade.

Segundo reportagem do G1, analisando dados de uma ONG mexicana Conselho Cidadão para Segurança Pública e Justiça Penal, em que é analisado as cidades mais violentas do mundo, onde Fortaleza – CE, se localiza na posição 35ª posição do ranking, apresentando um quadro de 44,98 homicídios a cada 100 mil habitantes. É nesse cenário de violência e abandono social, onde historicamente os maiores índices de violência são registrados nas regiões de favelas, que os/as rappers se situam. Apresentando suas perspectivas críticas sobre essas realidades difíceis e questionando o seu espaço.

5.4. Descrição dos participantes

Partindo da premissa que a ideia é entrevistar pessoas no qual estejam inclusas no cenário do rap tem-se por base saber o impacto que o estilo musical causou em suas vidas, sendo assim relevante destacar que, os sujeitos a serem entrevistados e observados serão pessoas, residentes da cidade de Fortaleza, moradores das regiões menos favorecidas socialmente.

Os mesmos fazem partes de diferentes grupos de rap ou autônomos, destacando-se alguns indivíduos que consomem as produções, mas que, no entanto, não compõem grupos ou produzem músicas, no entanto foram impactantes em sua construção de consciência social, pelas produções. “Logos Loucos”, “Apologia do Gueto” são alguns dos grupos no qual pretende-se observar e acompanhar seus integrantes.

5.5. Procedimentos Utilizados

O modo de observação no qual irei desenvolver durante a pesquisa será a modalidade outsider, onde “[...]o pesquisador observa os indivíduos envolvidos no fenômeno que está estudando, conversa informalmente, recolhe relatos, toma notas do que ouve e vê [...]” (ALONSO, 2016, p.10), onde se tem por objetivo interagir com entrevistados de forma que possa acompanhar os mesmos durante seu dia a dia, buscando manter uma relação de confiança, e troca de conhecimentos.

Um outro procedimento a ser adotado será as entrevistas, no qual se busca obter através dos sujeitos que serão observados, informações relevantes para as discussões, problematização e desenvolvimento das temáticas abordadas durante a pesquisa. Para proceder com as entrevistas serão elaboradas, questões semiestruturadas, onde possam sofrer variações à medida que as entrevistas forem se desenvolvendo, permitindo assim que o entrevistador possa levantar novos questionamentos a medida em que o projeto for avançando.

5.6. Análises realizadas

Após a realização da coleta de dados referente ao objeto pesquisado, e o encerramento das observações no campo e das entrevistas serem finalizadas começará o processo de análise dos dados coletados, buscando através das problemáticas levantadas pelos participantes da pesquisa. Segundo Creswell (2007) durante o processo de interpretação dos dados obtidos é

importante refletir constantemente sobre os dados sempre questionando-se e levantando novas problemáticas a partir das informações obtidas.

A pesquisa vai ser desenvolvida a partir de narrativas orais, necessitando por parte do entrevistador compreender as implicações relacionadas aos fatos relatados, dessa forma compreende-se que a [...]Pesquisa narrativa emprega recriação das histórias dos participantes usando mecanismos estruturais, como plano, cenário, atividades, clímax e desenlace [...]” (CRESWELL, 2007, p. 195). A partir dessas questões é importante organizar e selecionar o material colhido, buscando verificar minuciosamente e questionar as problemáticas que cada pessoa abordar e suscitar.

5.7. Considerações éticas

O desenvolvimento do projeto ocorrerá de maneira que as pessoas no qual, venham a participar da pesquisa, estejam cientes que participaram do projeto, entendendo que participaram de forma voluntária, existindo uma clareza das informações e ideias desenvolvidas durante a construção do trabalho. É importante salientar também, que as mesmas terão consciência e confiança, que as informações por eles repassadas, não sofreram modificações dos seus sentidos reais no qual foram empregados. O uso do termo de consentimento será um outro aspecto que irei utilizar no decorrer da pesquisa, compreendendo que esse é um elemento importante na afirmação e seguridade repassadas. Dessa forma os entrevistados terão ciência de estarem cedendo as informações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do trabalho parte de inquietações e desconfortos relacionados a situação de opressão vivenciadas diariamente pelos povos estigmatizados. Dessa forma discutir sobre uma temática que trabalha a questão dos olhares críticos dos sujeitos sobre essas situações de opressões sociais se tornou uma temática prazerosa e instigadora para dar continuidade nas discussões nos projetos futuros.

É importante salientar que o trabalho tem a intenção de evidenciar essas produções de conhecimento, muitas vezes invisibilizadas, destacando o potencial e a capacidade que se tem de trazer a concepção dos próprios oprimidos, numa perspectiva crítica e politizada dos espaços constituídos socialmente como regiões perigosas e violentas. Um fator importante que tenho por objetivo evidenciar durante a discussão é a questão de ser uma produção de origens populares e autônomas, entendendo o potencial que o povo tem de transformar a realidade difícil a partir dessas organizações sociais.

O projeto tem por pretensão posteriormente ser transformado na linguagem áudio visual, usando jovens de Fortaleza, entendendo que a valorização dessa cultura e a visibilidade provocada pela linguagem poderá proporcionar uma ampliação do debate, dando voz aos sujeitos pesquisados. Dessa forma, poderei contribuir para a construção dessa consciência coletiva de classe tantas vezes enfatizada nas letras de diversos artistas e durante o decorrer desse trabalho.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONOWITZ, S. **Contra a escolarização:** educação e classe social. Currículo sem Fronteiras, v. 5, n. 2, p. 5-39, jul./dez. 2005

ALONSO, Angela. **Métodos qualitativos de pesquisa:** uma introdução. In: Métodos de pesquisa em Ciências Sociais:

Bloco Qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016, p.8-23.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violência.** Revista Estudos Feministas, [s.l.], v. 10, n. 1, p.119-141, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100007>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação.** 20. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 116 p.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes.** 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010. 264 p.

BRANDAO, C. R. **O que é educação popular.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

BERTELLI, Giordano Barbin. **Errâncias racionais:** a periferia, o RAP e a política. Sociologias, [s.l.], v. 14, n. 31, p.214-237, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-45222012000300010>.

BONI, V; QUARESMA, SJ. **Aprendendo a entrevistar:** como fazer entrevistas em ciências sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC 2005; 2:68-80.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. **A Língua Escravizada:** Língua, História, Poder e Luta de Classes. 3. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012. 152 p.

CRESSWELL, John W.. Projeto De Pesquisa: METODO QUALITATIVO, QUANTITATIVO E MISTO. 2. ed. Porto Alegre: Atmed, 2007. 248 p. Luciana de Oliveira da Rocha.

CIDADE, E. C.; MOURA JÚNIOR, J.F ; XIMENES,V.M . **Implicações Psicológicas da Pobreza na Vida do Povo Latino-Americano.** Psicologia argumento (PUCPR. Online), v. 30, p. 87-98, 2012.

DUTRA, Juliana Noronha. **RAP: IDENTIDADE LOCAL E RESISTÊNCIA GLOBAL.** 2007. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Estadual Paulista (unesp), São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/95121>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

DAMASCENO, Francisco José Gomes. **As cidades da juventude em Fortaleza.** Revista Brasileira de História, [s.l.], v. 27, n. 53, p.215-242, jun. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-01882007000100010>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a10v5327.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2017.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa:** reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, [s.l.], n. 115, p.139-154, mar. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742002000100005>.

FIUZA, Alexandre Felipe; MACEDO, Iolanda. **A educação informal e o rap como agente educativo.** Eccos – Revista Científica, São Paulo, n. 31, p.17-32, 20 dez. 2013. University Nove de Julho. <http://dx.doi.org/10.5585/eccos.n31.4285>. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71529334002>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FLICK, Uwe. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013. 256 p. Tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes.** 57. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2015. 128 p.

HINKEL, Jaison; MAHEIRIE, Kátia. **Rap-rimas afetivas da periferia:** reflexões na perspectiva sócio-histórica. Psicologia & Sociedade, [s.l.], v. 19, n. 2, p.90-99, 2007. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822007000500024>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

LANE, Silvia T. Maurer; CODO, Wanderley. **Psicologia social:** o homem em movimento. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. 220 p.

MAHEIRIE, Kátia. **Processo de criação no fazer musical:** uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. Psicologia em Estudo, [s.l.], v. 8, n. 2, p.147-153, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722003000200016>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a15>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

MACEDO, Iolanda. **O discurso musical Rap:** expressão local de um fenômeno mundial e sua interface com a educação. 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociedade, Estado e Educação, Sociedade, Estado e Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/919>>. Acesso em: 20 out. 2017.

MOURA JUNIOR, James Ferreira et al. **Concepções de pobreza:** um convite à discussão psicossocial. Temas em Psicologia, [s.l.], p.341-352, 13 ago. 2014. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2014.2-06>.

REIS, Soraya Mira. **O RAP na mídia:** discurso de resistência?. 2007. 75 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística Aplicada, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2007. Disponível em: <http://www.bdt.unitau.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=396>. Acesso em: 27 out. 2017.

SANTOS, S. M. V. **Hip Hop de Fortaleza:** movimento social de maioria negra. In: Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros, 2012, São Paulo. Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros, 2012.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde:** uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editoria, 2000.

KARNAL, Leandro et al. **HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS:** das origens ao século XXI. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

KEHL, Maria Rita. **Radicais, Raciais, Racionais:** a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. São Paulo em Perspectiva, [s.l.], v. 13, n. 3, p.95-106, set. 1999. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-88391999000300013>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a12.pdf> . Acesso em: 31 out. 2017.

ESSINGER, Silvio. **Rap Brasileiro:** Rimas dos negros americanos ganham tradução. 2000. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/materias/ver/rap-brasileiro> . Acesso em: 28 nov. 2017.

FAVELA no Ar. São Paulo: Treze Produções, 2007. (52 min.), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/D9NZCanKTnc> . Acesso em: 15 nov. 2017.

G1. **Natal é a cidade mais violenta do Brasil, diz ranking mundial**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/natal-e-a-cidade-mais-violenta-do-brasil-diz-ranking-mundial.ghtml> . Acesso em: 03 dez. 2017.

IBGE. **População no último censo**, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama> . Acesso em: 03 dez. 2017

PrimeiraMente. **Óoh**. Disponível em: <https://youtu.be/lSVhc1QgYqY> , <20 dez. 2014>. Acesso em: 05 dez. 2017.

ADL, BK, Funkero e MV Bill. **Favela Vive 2 (Cypher)** Disponível em: <https://youtu.be/XYvrwZmjXJY> , <23 dez. 2016>. Acesso em: 05 dez. 2017.